

### **SEÇÃO III -RESENHA**

#### **MOZART, SOCIOLOGIA DE UM GÊNIO**

**Kamila C. Babiuki<sup>93</sup>**

ELIAS, NORBERT. *Mozart, sociologia de um gênio*. Org. Michael Schröter. Trad. Sergio Goes de Paula. Título original: Mozart, Zur Soziologie eines Genies. ISBN: 857110302X. Dimensões: 23x16 cm. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 150 páginas.

Escrito pelo sociólogo alemão Norbert Elias, *Mozart, sociologia de um gênio* foi originalmente publicado em 1991, ganhando, em 1995, uma tradução em língua portuguesa. Divida em duas partes, a obra corresponde a uma biografia de Mozart narrada a partir de um viés sociológico, como já se pode adivinhar pelo próprio título do livro. O autor falece em 1990, portanto um ano antes da publicação do livro, e também anteriormente à sua edição final, cabendo a divisão entre primeira e segunda partes ao editor, Michael Shröter (ELIAS, 1995, pp. 141-143).

Na primeira parte da obra, temos a narração, feita de modo cronológico, dos principais acontecimentos da vida do compositor alemão, ressaltando aspectos de sua educação e personalidade. Filho e irmão de músicos e, portanto, inserido no contexto musical, ouviu, desde os primeiros dias de vida, ensaios e correção de erros dos músicos membros e amigos da família, resultando em um desenvolvimento surpreendente de suas capacidades auditivas e de sua consciência musical, habilidade que “*por muitos anos tornou-lhe insuportável a impureza sonora do clarim.*” (ELIAS, 1995, p. 82). O prodígio musical de Mozart é, desse modo, latente desde a infância. Desde tenra idade viajou pela Europa apresentando-se em concertos para a aristocracia e nobreza, tocando nas mais diversas cortes. Esse processo culmina na composição de sua primeira *opera buffa* aos doze anos (*La finta semplice*) e dois anos mais tarde, em 1770, Mozart comporia sua primeira *opera seria*, *Mitridate, Rè di Ponto* (ELIAS, 1995, p. 69-70).

A

---

<sup>93</sup> É estudante do curso de mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Realizou estágio na Université de Rennes 1 – França e na Université de Sherbooke – Canadá. Faz parte do Grupo de Estudos das Luzes, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Brandão, é membro da Associação Brasileira de Estudos do Século XVIII (ABES18) e bolsista CAPES – demanda social. E-mail para contato: k.babiuki@gmail.com.

vida de Wolfgang Mozart foi marcada pela cisão entre dois mundos: um deles, o mundo burguês do qual era originário e outro, o mundo da aristocracia e das cortes até onde levava sua música e era tão admirado. Essa divisão marca também um movimento novo, a saber, a democratização da arte, impulsionada pela ascensão social da classe dos artistas (ELIAS, 1995, p. 135). Isso permite, por exemplo, que Mozart tente, incentivado por seu pai, uma carreira independente como músico. Se isso não é para nós hoje algo incomum, certamente o era no século XVIII.

O autor chama nossa atenção para o aspecto de que a habilidade musical de Mozart contrasta com suas habilidades sociais. Elias diz: “*O rápido avanço de sua doença fatal pode muito bem estar ligado ao fato de que, para ele, a vida perdera o valor. Sem dúvida alguma, morreu com a sensação de que sua existência social fora um fracasso.*” (ELIAS, 1995, p. 9). Sua vida brilhante teve o triste fim do abandono. Não mais convivia com nenhum de seus então amigos ou com sua esposa. É interessante notar que o segundo marido de Constanze, esposa de Mozart, afirma que, para ela, Mozart fora mais admirado pelo talento do que pela pessoa. Mozart apresentou traços, desde criança, de ser uma pessoa que necessitava da atenção exclusivista de todos ao seu redor, o que leva Norbert Elias a tratar de suas dificuldades psicológicas. Ele sempre buscou o amor dos demais, de maneira exaustiva. “*Sua imensa capacidade de sonhar em estruturas sonoras estava a serviço deste secreto anseio de amor e afeto.*” (ELIAS, 1995, p. 14).

A segunda das duas partes da obra narra o rompimento de Mozart com Salzburgo, cidade onde foi músico da corte episcopal e o ápice de sua emancipação social oriunda de seu casamento. Em 1781, “*o irascível jovem músico*” (ELIAS, 1995, p. 111) transforma um conflito existente já há muito entre ele e o arcebispo de Salzburgo em um conflito aberto, o que resultou no seu desligamento da corte enquanto funcionário. Vale notar que, nesse período, um músico efetivo de uma corte tem um papel de prestígio entre seus pares. Contudo, não era ainda um prestígio tão grande quanto queria Mozart, que passa boa parte de sua vida adulta procurando outras oportunidades de trabalho em cortes como a de Paris.

Não podemos nos esquecer do título da obra em questão: *Mozart, sociologia de um gênio*. Nossa autor não escolhe esse subtítulo para o livro despropositadamente. É comum, segundo ele, vermos o termo ‘gênio’ empregado para se referir a Mozart. Ele é assim compreendido pois era “*um ser humano excepcionalmente dotado, nascido numa sociedade que ainda não conhecia o conceito romântico de gênio, e cujo padrão social não permitia que em seu meio houvesse qualquer lugar legítimo para um artista de gênio altamente individualizado.*” (ELIAS, 1995, p. 23-24). Se, porém, o termo pode ser empregado a Mozart,

Norbert Elias chama atenção para o sentido que dá à palavra. “*Com frequência nos deparamos com a ideia de que a maturação do talento de um ‘gênio’ é um processo autônomo, ‘interior’, que acontece de modo mais ou menos isolado do destino humano do indivíduo em questão.*” (ELIAS, 1995, p. 53). Não é dessa forma que o gênio é compreendido pelo autor, e para que um indivíduo seja chamado de gênio, a educação e o meio ocuparão um papel essencial.

Para Elias, o gênio é tributário do meio ambiente e das relações sociais da pessoa que receberá esse título. Há aqui uma relação de dependência. O gênio, ilustrado pelo dom de Mozart, mas estendido para todas as pessoas que tenham essa característica, é um fato social (1995, p. 54). Elias explica:

Ao falar de Mozart logo nos pegamos usando expressões como ‘gênio inato’, ou ‘capacidade congênita de compor’; mas tais expressões são ditas sem pensar.[...] [É] simplesmente impossível para uma pessoa ter uma propensão natural, geneticamente enraizada, de fazer algo tão artificial como a música de Mozart. (ELIAS, 1995, p. 58)

Aquelas características mencionadas anteriormente, como o fato de Mozart ter sido iniciado no mundo da música desde muito jovem e a convivência com músicos experientes devido à profissão de seu pai, foram, para Norbert Elias, a causa do gênio de Mozart, e não um dom excepcional, uma capacidade congênita, para ficarmos com os termos do autor.

Esse posicionamento é contrastante com pensadores do período de Mozart – e, portanto, anteriores a Norbert Elias – que tentaram definir o conceito de gênio. O abade Dubos, por exemplo, autor das *Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura* (1740)<sup>94</sup>, obra na qual dedica grande parte do segundo tomo para discorrer sobre o tema do gênio, defende a impossibilidade de se aprender a ser gênio, ponto de vista partilhado por outros autores do Século das Luzes, como Diderot e Rousseau, e contrária ao que defende Norbert Elias. Para o autor das *Reflexões críticas*, o meio não tem influência sobre o surgimento do gênio, enquanto que para Elias, trata-se de um fator determinante. Além disso, Dubos dirá na sequência do texto que

a educação, que não saberia conceder um certo gênio nem certas inclinações às crianças que não as possuem, não saberia também privar esse gênio, nem mesmo retirar essas inclinações das crianças que as trouxeram em seu nascimento<sup>95</sup>.

<sup>94</sup> No original, *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*.

<sup>95</sup> DUBOS, JEAN-BAPTISTE. *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*, T. II, Paris: Jean Mariette, 1740, p.

O gênio é pensado como uma característica concedida a alguns e negada a outros. E, como se pode constatar com a passagem citada, apenas certas pessoas têm essa determinação. Aqueles que não a trazem ao nascer também não a desenvolverão ao longo dos anos. Me parece relevante destacar que essa opinião é, de um modo geral, compartilhada pelos autores posteriores a Dubos. Rousseau, por exemplo, fará uma afirmação bastante semelhante em seu verbete *Gênio do Dicionário de música*<sup>96</sup>.

Partindo do ponto de vista defendido por Elias, Mozart pôde ser chamado de gênio por partir de um meio de músicos, possibilitando assim o desenvolvimento de suas capacidades. Como poderíamos, então, justificar o surgimento de outros grandes músicos, pintores, escultores ou poetas que não estiveram imersos no meio artístico? Se as circunstâncias e as condições históricas, como a educação e a situação familiar do indivíduo, devem ser levadas em consideração ao se discutir a temática do gênio, elas não devem ser as únicas características consideradas.

Podemos dizer, talvez, que essa diferença entre o que afirma Norbert Elias e o posicionamento de certos filósofos do século XVIII que pensaram sobre a temática do gênio seja não somente o período do qual são originários, mas também o ponto de vista partilhado por eles. Quero dizer com isso que, partindo de considerações sociológicas a respeito do gênio, Elias deve justificar de modo divergente dos filósofos Iluministas o surgimento e desenvolvimento dessa aptidão grandiosa e surpreendente chamada de *gênio*. Isso não desqualifica, contudo, nenhum dos dois posicionamentos. Ao contrário, vemos tão somente o enriquecimento da discussão e do estabelecimento de um conceito.

*Recebida: agosto/2018*

*Aprovada: novembro/2018*

---

34.

<sup>96</sup> No *Dicionário de música* (1768), de Rousseau, leremos que ninguém se torna gênio, em outras palavras, não seria possível aprender a sê-lo, essa característica é tratada como algo inato ou congênito. Mais do que isso, se o jovem artista precisa procurar saber o que é o gênio, essa busca será inútil: “*Você o tem: você o sente em si mesmo. Você não o tem: você não o conhecerá jamais.*” (ROUSSEAU, JEAN-JACQUES. *Dictionnaire de musique*. Paris: Duchesne, 1768, p. 230).